



UM DIA DIFERENTE

(Decorre o ano de 2002 do novo milénio. Ao centro está uma poltrona onde está sentado um homem de cabelo ondulado, grisalho aparentando cerca de 60 anos de vida dura e difícil, mas esclarecida: As luzes estão apagadas e lentamente incide um raio de luz sobre a personagem, que se vai adensando, centrado no livro que a mesma está a ler. TONICO começara, por força das circunstâncias, a trabalhar no campo, mas um dia arriscara procurar outra vida longe da sua aldeia natal. Conseguira chegar a uma boa posição social. Perto da reforma decidira registar as suas memórias)

TONICO (aparentemente com ar surpreso e cansado, permanecendo sentado):

Memórias. Recordações. Pedacos de vida dilaceradas e reconstruídas. Sim... de memórias, recordações e sentimentos se reconstrói a vida.

(pausa)

Sentei-me aqui rebuscando nestas memórias do passado, um dia diferente. Mas como posso eu encontrar um dia diferente se todos os dias nunca são iguais? (erguendo-se com o livro na mão) Ou serão? Provavelmente muitos dos dias das nossas vidas não passarão de uma cópia do dia anterior e este uma outra cópia de um outro já vivido. (passeando de um lado para o outro, com o livro na mão, fechado e pensativo).

Mas... recordo um dia, decerto diferente, para muitos porque se há dias diferentes, concerteza que são aqueles onde fica registada uma memória de mudança... Quero dizer... de algo que antes desse dia e a partir desse mesmo dia, nada será novamente igual ao passado. (imobilizando-se) Na verdade, até há muitos dias assim. O dia do primeiro dinheiro, o dia do casamento, o dia do nascimento de um filho...o dia da morte de algum ente querido... Enfim...

Menção Honrosa

João Manuel Banha Correia

Página 1



dias aos quais chamaria de “partida”. Pois, porque é a partida para uma nova fase da vida... para uma outra “viagem” ...

(sentando-se e pousando o livro no chão) Lembro-me desse dia como se fosse hoje. Na véspera tinha tido um igual a tantos outros dias, de casa para o trabalho, do trabalho para casa, com uns dedos de conversa no meio de um pequeno petisco na taberna do Ti Xico, porque a jorna era pequena e as cinco bocas para sustentar, no interior de um pequeno e pobre país, não deixavam grandes margens para devaneios ou ilusões, mas era preciso desanuviar ao fim de um dia de trabalho duro e cansativo.

Até porque pensara já em procurar partir para outro local distante, mas a mágoa de deixar a família não o permitia. Isso aconteceria um dia mais tarde, depois de se terem aberto outras portas. (erguendo-se novamente)

Mas... naquela madrugada, do dia 25, como era hábito, ligara o pequeno rádio para ouvir as notícias. Ainda o sol não raiara, porque era preciso começar o dia bem cedo, para no regresso, levar uns míseros tostões destinados a pagar a conta da mercearia, no fim do mês, pois passar forme bastara já os nossos antepassados. O locutor falava de “revolução”, de alguma agitação nas ruas da capital, com soldados e carros blindados, nos quartéis e nos grandes centros urbanos, mas na pequena aldeia, só agora se começavam a ouvir timidamente os primeiros vivas à revolução, os gritos de contentamento das gentes amordaçadas que se começavam a reunir para comentar as notícias e divulgar a evolução da situação. (passeando de um lado para o outro compassadamente)

Lembro-me também de ouvir a “Grândola vila morena” e de ouvir falar em “revolução dos cravos”, sem estar a perceber muito bem o que se passava, embora como uma sensação de paz e tranquilidade que anunciavam novos ventos...

Lembro-me que houve uma festa na Casa do Povo, na taberna do Ti Xico e um pouco por toda a aldeia até de madrugada. Recordo os rostos alegres dos jovens e adultos que se cruzavam nas ruas, embasbacados e simultaneamente apreensivos.

Menção Honrosa

João Manuel Banha Correia

Página 2



Recordo ainda as histórias que se contavam na aldeia aos serões, sobre prisões e contrabandos e outras que não era uma coisa nem outra, mas que desapareciam e pouco se falava das razões e do seu desaparecimento. (sentando-se novamente)

Se há dias diferentes, o dia no qual renasceu a liberdade foi diferente... e a partir dessa data tudo passou a ser diferente. É certo que nem tudo têm sido rosas, e também que os espinhos e os caminhos traçados ainda não eram os frutos esperados, mas há sempre uma réstia de esperança. E... se esse dia foi diferente para os que começaram uma nova fase da vida, logo dia de “partida”, também foi diferente para os que terminaram a vida que até essa data tinham levado.

E assim se constrói e reconstrói a vida. De memórias... de recordações... de dias diferentes... e... até da própria esperança de dias diferentes. Quanto às memórias e às recordações, todas elas se esvaem ou aconchegam-se num cantinho deste caminho que é a vida como um mar que se espraia e as ondas no seu movimento contínuo descobrem ou encobrem, renovando todas as ínfimas partículas do areal, modelando as rochas duras e hirtas que espreitam o horizonte...

(a luz esvai-se esbatendo até se apagar)

E as memórias... diferentes ...as recordações... diferentes... esperam por outro dia e por outro e mais outro... todos diferentes... ou todos... iguais?